

REINVENÇÃO PEDAGÓGICA EM TEMPOS DE PANDEMIA: ANÁLISE DE CARTAS A PAULO FREIRE

Pedagogical reinvention in times of pandemic: analysis of letters to Paulo Freire

La reinvencción pedagógica en tiempos de pandemia: análisis de cartas a Paulo Freire

Simone Braz Ferreira Gontijo*
Juliana Parente Matias**

<https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2022.v4i1n8.424-447>

Resumo

Este artigo apresenta a análise de cartas a Paulo Freire escritas por estudantes do segundo semestre de um curso de licenciatura, na disciplina de Prática de ensino cursada de forma remota. Foi empregada como metodologia de pesquisa os princípios da pesquisa-ação, ao desenvolver atividade similar aos Círculos Cultura freireanos na perspectiva da reinvenção pedagógica. As atividades foram realizadas no período do ensino remoto emergencial, de forma síncrona, tendo como norteadores os princípios da aprendizagem dialógica. Ao longo desse processo, dentre outras atividades, os estudantes foram motivados a escreverem duas cartas a Paulo Freire, analisadas a fim de levantar as percepções acerca das aprendizagens estudantis. Os resultados apontam que a trajetória dos estudantes como sujeitos de sua aprendizagem foi permeada pelo sofrimento causado pelo contexto da pandemia da Covid-19, mas também pela resignificação/tomada de consciência quanto às vivências na educação básica, as ideias apresentadas por Freire e sua relação com os saberes docentes, rumo à conscientização quanto ao papel como futuros professores.

Palavras-chave: Reinvenção pedagógica; Ensino remoto emergencial; Formação docente; Ensino.

Abstract

This article presents the analysis of letters to Paulo Freire written by students of the second semester of a teaching course, in the class called Teaching Practice that was taken remotely. In this sense, we used as methodology the action research that highlights the pedagogical reinvention of the Culture Circles, an activity developed synchronously and based on the principles of dialogic learning. During the process, among other activities, the students were encouraged to write two letters to Paulo Freire. These were the instruments analyzed in order to raise the students'

perceptions about their learning. The results show that the trajectory of students as subjects of their learning was permeated by the suffering caused by the context of the Covid-19 pandemic, but also by the resignification/awareness of the experiences in basic education, the ideas presented by Freire and their relationship with the teaching knowledge, towards the awareness of their role as future teachers.

Keywords: Pedagogical reinvention; Emergency remote teaching; Teacher training; Teaching.

Resumen

Este artículo presenta el análisis de cartas a Paulo Freire escritas por estudiantes del segundo semestre de un curso de formación de profesores, en la asignatura de Práctica Docente realizada de manera remota. Se utilizó como metodología de investigación los principios de la investigación-acción, al desarrollar una actividad similar a los Círculos de Cultura de Freire en la perspectiva de la reinención pedagógica. Las actividades se realizaron en el período de enseñanza remota emergencial, de forma sincrónica, guiada por los principios del aprendizaje dialógico. Durante dicho proceso, entre otras actividades, se motivó a los estudiantes a escribir dos cartas a Paulo Freire, analizadas con el fin de poner de relieve las percepciones sobre el aprendizaje del alumnado. Los resultados muestran que la trayectoria de los estudiantes como sujetos de su aprendizaje estuvo permeada por el sufrimiento provocado por el contexto de la pandemia de la Covid-19, pero también por la resignificación/toma de conciencia de las experiencias en la educación básica, las ideas presentadas por Freire y su relación con el saber docente, rumbo a la concienciación de su papel como futuros docentes.

Palabras clave: Reinención pedagógica; Enseñanza remota emergencial; Formación de profesores; Enseñanza.

Introdução

A experiência de ter a obra de Paulo Freire como uma das referências para a formação de professores é o desafio compartilhado neste artigo. Num tempo o qual suas ideias são questionadas de forma irrefletida e precipita consideramos essencial que os estudantes que ingressam na formação docente partissem de suas concepções para compreender que ser professor e professora é encontrar-se “inserido na densa realidade da vida dos homens em seu contexto social, econômico e político, e está inseparavelmente tomado pela busca de superação em direção ao mais-homem pela justiça e esperança” (SILVA, 2015, p. 13).

Assim, uma prática coerente com o ideário freireano na formação docente a ser desenvolvida no ensino remoto emergencial (ERE), fruto das medidas sanitárias impostas pela pandemia da Covid-19, exigiu repensar, de forma urgente, o fazer

pedagógico. Como o próprio Freire (1967, p. 108) aponta “precisávamos de uma Pedagogia de Comunicação, com que vencêssemos o desamor acrítico do antidiálogo” que poderia se estabelecer nas práticas pedagógicas. O desafio posto foi criar estratégias para desenvolver um trabalho pedagógico fundamentado nos princípios da educação libertadora na formação docente nesse modelo de ensino.

Nesse sentido, foi planejada uma pesquisa-ação no intuito de desenvolver atividades de estudo da obra Pedagogia da autonomia, com estudantes do 2º período de um curso de licenciatura que teve como objetivos elaborar e compartilhar coletivamente memorial escrito a partir da história escolar e suas interfaces com as experiências de vida (leitura do mundo); dialogar acerca dos conceitos freirianos presentes na obra Pedagogia da autonomia e suas contribuições para a prática docente (palavramundo); dialogar com Paulo Freire acerca das aprendizagens mediadas pela obra Pedagogia da autonomia por meio de cartas; avaliar as contribuições da reinvenção pedagógica para o processo de formação como docente.

Ler Paulo Freire é fundamental para todo professor e professora que atua numa perspectiva progressista, e a escolha de Pedagogia da autonomia se deu não só em função de sua atualidade, mas por também se adequar à ementa da disciplina de Prática de ensino que prevê o desenvolvimento da capacidade de aplicar os fundamentos teóricos e metodológicos do ensino no trabalho docente. Além disso, a emergência da leitura freireana surgiu do contexto no qual docentes e estudantes se mostravam angustiados com a adequação da formação docente às aulas remotas e os temas tratados no livro abordam as exigências do ensinar, sua especificidade como capacidade humana e seu processo dialético de construção do conhecimento.

Numa de suas cartas aos professores Paulo Freire trata da experiência na formação de educadores em Porto Mont e afirma que se recusava a desenvolver um “trabalho em que fossem reservados os primeiros momentos do curso para exposições ditas teóricas sobre matéria fundamental [...] Momento para discursos de algumas pessoas, as consideradas mais capazes para falar aos outros” (FREIRE, 2001, p. 263). Esse fundamento traz a importância de se trabalhar com conceitos fundamentais, em especial para a formação docente, mesmo que sem a pretensão de os participantes terem

amplo domínio sobre eles, mas que saibam compreender o que está sendo estudado. Um estudo é permeado pela discussão crítica e pela leitura de mundo.

Ao trazer a leitura de *Pedagogia da autonomia*, nosso objetivo foi reinventar aspectos do círculo de cultura adaptados à realidade do ERE. Para tanto, foram pensadas três atividades: memorial; puxa-conversa e escrita de cartas.

O Memorial é uma atividade individual que tem o objetivo de resgatar a história de vida dos estudantes e professores, pois como aponta Giroux (1999):

Não se pode negar que os alunos têm experiências e não se pode negar que essas experiências são importantes para o processo de aprendizagem, mesmo que se possa dizer que são limitadas, iníquas, infrutíferas ou seja o que for. Os alunos têm lembranças, famílias, religiões, sentimentos, linguagens e culturas que lhe proporcionam uma voz distinta. Podemos engajar criticamente essa experiência e ir além dela. Mas não podemos negá-la. (GIROUX, 1999, p. 28)

Ao elaborar o Memorial os participantes tiveram liberdade para selecionar as informações a serem compartilhadas, porém alguns aspectos deveriam ser destacados: citação de um autor e música preferidas; indicação de uma expressão cultural representativa; memórias de família e amigos; indicação da cidade onde mora; atividades de lazer; professor(a) inesquecível; os planos para o futuro. Essas informações foram compartilhadas no grupo em apresentação, segundo os princípios da PechaKucha¹. No momento das apresentações professoras e estudantes iniciaram o processo de conhecimento da realidade daquele grupo vivenciando o diálogo proposto Freire (1967) nos Círculos de cultura.

A segunda atividade foi denominada puxa-conversa², na qual foi oportunizada o compartilhar da leitura do mundo. Essa reinvenção pedagógica pressupôs, inicialmente, a leitura da obra de Paulo Freire. No caso de *Pedagogia da autonomia* a leitura foi

¹ Pechakucha é uma técnica onde cada apresentador tem cinco minutos para contar sua história utilizando nove slides com imagens e pequenos textos.

² Ver GONTIJO, S. B. F.; MATIAS, J. P. *Pedagogia da autonomia: experiências dodiscentes em tempos da pandemia*. *Inter-Ação*, Goiânia, v. 46, n. ed.especial, p. 1164-1177, set. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ia.v46ied.especial.67914>.

organizada em dez encontros. A cada encontro uma dupla ou trio de estudantes ficou responsável por coordenar o diálogo trazendo questões problematizadoras tendo como referências os princípios da Ciranda da aprendizagem dialógica, conforme a Figura 1.

Figura 1 - Ciranda da aprendizagem dialógica



Fonte: Elaborado a partir de Freire (2020) e Aubert *et al.* (2008).

Na igualdade de diferenças a ênfase é no respeito quanto a forma de viver e pensar com respeito e dignidade a partir dos saberes que cada pessoa traz ao grupo no contexto da sala de aula e das discussões, pois como aponta Freire (2020, p. 32) “por que não estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”

O diálogo igualitário, como categoria basilar na proposta educacional freireana, perpassa as relações estabelecidas no puxa-conversa, pois é por meio dele “que podemos olhar o mundo e entender a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação” (ZITKOSKI, 2010, p. 117).

Na inteligência cultural é fomentada a habilidade comunicativa, uma vez que todos e todas são capazes de trazer contribuições ao diálogo por meio da argumentação construída no seu contexto sociocultural. Assim, cada um possui uma inteligência relacionada à cultura, associada a suas vivências e o contexto em que vive. Nele se apropria e faz cultura. Essa inteligência foi valorizada desde a socialização do Memorial.

É na criação de sentido que formamos uma amálgama das experiências vividas e ressignificadas pela leitura da palavra freireana, pois à medida que os participantes do puxa-conversa se percebem como sujeitos de possibilidades, passaram a identificar a educação como um processo que permite a criação de dimensões e sentidos de suas demandas pessoais e sociais.

A solidariedade é fundamental no puxa-conversa, em especial nos tempos de pandemia nos quais nossas relações são estabelecidas num ambiente virtual de aprendizagem. No caso específico das aulas síncronas, os encontros com os licenciando foram promovidos permeados de dilemas e desafios, mas também de afeto. Acreditamos que é com a solidariedade que se gera um ambiente virtual favorável para um processo educativo democrático. O puxa-conversa é uma atividade que nos exige abertura a empatia e querer-bem entre os participantes (estudantes e professores).

Freire (2015, p. 28) nos adverte sobre a importância da rigorosidade metódica que “não se esgota no "tratamento" do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível”. Portanto, é fundamental a leitura da palavra como qualificador da discussão no puxa-conversa. A partir dela entendemos a “inteligência do texto”. É no diálogo entre os escritos, as vivências de mundo e os diferentes pontos de vista que nos inteiramos como grupo e cumprimos a dimensão instrumental da ciranda.

A transformação, processo que decorre da ressignificação das vivências, em especial as escolares, pode ser tomada em vários sentidos, mas destacamos que a transformação nos ajudou a repensar o lugar do professor a partir da tomada de consciência das lutas que nos movem como grupo comprometido com uma educação

libertadora. Isso porque os estudantes que chegam à licenciatura, na maioria das vezes, têm na sua matriz de vivências escolares uma consciência ingênua do trabalho do professor.

No puxa-conversa cumpre-se a orientação de que a leitura é também uma:

[...] experiência dialógica, em que a discussão do texto realizada por sujeitos leitores esclarece, ilumina e cria a compreensão grupal do lido. No fundo, a leitura em grupo faz emergir diferentes pontos de vista que, expondo-se uns aos outros, enriquecem a produção da inteligência do texto. (FREIRE, 2015, p. 53)

Assim, se estabelece uma íntima relação entre o pensar, ler e escrever (FREIRE, 2015).

A terceira etapa da reinvenção pedagógica foi materializada por meio do registro das reflexões do puxa-conversa em duas atividades distintas. A primeira delas consistiu na elaboração de um mural colaborativo produzido na plataforma virtual Padlet³ no qual todos tiveram a oportunidade de registrar textos-síntese, imagens, vídeos, links, desenhos, livros, músicas etc. que estejam relacionados aos conteúdos do puxa-conversa. Os participantes também puderam comentar os registros dos colegas.

A segunda atividade de registro das vivências foi a sistematização realizada após a leitura do livro e finalização do puxa-conversa, a escrita de cartas a Paulo Freire a partir de um roteiro que solicitou a cada um, a partir do seu lugar de fala, o registro de como se via e se sentia em relação ao contexto da pandemia do Covid-19; como se relacionava com os familiares, com os afazeres cotidianos, o trabalho e a educação.

As cartas, o mural *Padlet* e a participação no puxa-conversa foram objeto de análise na avaliação das aprendizagens dos participantes e do trabalho pedagógico desenvolvido pelas professoras.

³ A plataforma *Padlet* possui uma versão gratuita que permite a criação de murais virtuais com diferentes finalidades. No caso específico desta metodologia é criado um quadro único para o grupo, customizado em colunas – uma para cada puxa-conversa.

Assim, neste artigo é apresentada a análise das cartas escritas a Paulo Freire pelos estudantes do segundo semestre de um curso de licenciatura, na disciplina de Prática de ensino cursada de forma remota.

1. Cartas a Paulo Freire

Escrever cartas é hábito milenar que envolve partilhar emoções e resgatar humanidades. Com as tecnologias digitais de informação e comunicação nos reinventamos e a escrita de cartas foi reinventada.

Para Freire (2015, p. 52) “não é possível ler sem escrever e escrever sem ler”. No contexto da reinvenção pedagógica, as cartas foram consideradas como um processo de escrita criativa que se configuraram como uma proposta de comunicação dialógica em função da liberdade de expressão que apresentam, pois, mesmo havendo um roteiro estabelecido, os participantes puderam expor suas ideias sem muitas interferências.

A escolha das cartas como instrumento de sistematização do conhecimento se deu motivada por ser um gênero textual muito usado por Paulo Freire e que possibilita a interação entre leitores. A escrita de cartas também representou uma forma de comunicação na qual as professoras puderam acessar, além dos conhecimentos acadêmicos, os sentimentos, as emoções e as vivências que outra forma de comunicação escrita talvez não pudesse proporcionar.

Como atividade pedagógica, as cartas oportunizaram o acompanhamento do processo de tomada de consciência dos conceitos da obra estudada, entendendo que essa tomada de consciência é uma das etapas do processo de conscientização do sujeito que deve estar associada a “uma situação real e vivida pelo aluno” (FREIRE, 2016, p. 91).

O processo de escrita criativa da carta tem como ideário dar voz aos participantes por meio da palavra escrita, tão formalizada no âmbito acadêmico. Traz o sentido da fruição artística de Cândido (2011), no qual o direito à literatura, não reside apenas no consumo de bens de leitura, mas em sua criação. Ele afirma que:

[...] a produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado, este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que geralmente se pensa. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. (CANDIDO, 2011, p. 177)

Essa produção se dá numa perspectiva de fomento à consciência crítica do sujeito, na “representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica. Nas suas correlações causais e circunstanciais” (FREIRE, 1967, p.105), como foi a produção das cartas a Paulo Freire.

Portanto, as cartas enquanto instrumento de fruição artística e de uma certa “cultura de fronteira” dentre as produções acadêmicas, uma vez que o rigor científico não foi valorizado e sim os elementos comunicacionais e de formação da conscientização quanto aos saberes necessários à prática docente (BOSI, 2002).

Freire (2016) destaca que essa conscientização:

[...] é engajamento histórico. Ela é igualmente consciência histórica: por ser inserção crítica na história, ela implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Ela exige que os homens criem a própria existência com o material que a vida lhes oferece. (FREIRE, 2016, p. 57)

Essa foi a motivação para que o roteiro das cartas tratasse do momento histórico vivido - a pandemia da Covid-19 – fomentando o compartilhamento das percepções dos estudantes tanto de si quanto do outro, como sujeitos históricos inseridos nesse contexto, frente aos conceitos freireanos estudados. Além disso, a conscientização “não pode existir fora da práxis, ou seja, fora do ato “ação – reflexão”. Essa unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser, ou de transformar o mundo, e que é próprio dos homens” (FREIRE, 2016, p. 56-57).

Como reafirmam Freire e Betto (2001):

Toda leitura da palavra pressupõe uma leitura anterior do mundo, e toda leitura da palavra implica a volta sobre a leitura do mundo, de tal maneira que ‘ler o mundo’ e ‘ler a palavra’ se constituam um movimento em que não há ruptura, em que você vai e volta. E ‘ler o mundo’ e ‘ler a palavra’, no fundo, para mim, implicam ‘reescrever’ o mundo. Reescrever com aspas, quer dizer, transformá-lo. A leitura da palavra deve ser inserida na compreensão da transformação do

mundo, que provoca a leitura dele e deve remeter-nos, sempre, à leitura de novo, no mundo. (FREIRE; BETTO, 2001, p. 15)

No processo de escrita das cartas os estudantes foram instigados a relacionar as percepções quanto à docência, história de vida e prática pedagógica com os conceitos presentes na obra estudada, a partir de sua leitura de mundo trazendo o momento histórico vivido no Brasil e no mundo, compartilhando pensamentos e os fundamentando teoricamente num diálogo com Paulo Freire.

2. Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida no segundo semestre letivo de 2020 a partir dos princípios da metodologia da pesquisa-ação. O problema que motivou a pesquisa foi como aplicar os princípios da educação libertadora (metodologia participativa e sistematização de conceitos) na formação docente em tempos de ensino remoto emergencial. O *locus* da pesquisa foi um curso de licenciatura de um Instituto Federal.

Foi desenvolvido um trabalho pedagógico-investigativo na disciplina de Prática de ensino, ministrada no 2º semestre do curso de licenciatura, formada por 37 estudantes, sendo 23 mulheres e 14 homens. As professoras, como co-investigadoras e responsáveis pela condução da disciplina tiveram o papel de elaborar a proposta pedagógica, apresentar o plano de ensino, motivar os estudantes durante as aulas, participar das atividades de forma colaborativa e dar feedback das avaliações.

As intervenções partiram do princípio das reinvenções pedagógicas freireanas e da adoção de uma metodologia dialógica, empregada em todas as aulas síncronas, realizadas remotamente. Nas aulas foram desenvolvidas as atividades Pecha Kucha e Puxa-conversa. De forma assíncrona foi elaborado o Memorial, o mural colaborativo, a escrita de cartas Paulo Freire e a autoavaliação. Todas as atividades se constituíram como instrumentos de avaliação das aprendizagens dos estudantes e do trabalho desenvolvido pelas professoras.

Ao longo da disciplina foi estudado o livro *Pedagogia da autonomia*, organizado em tópicos a serem debatidos em dez aulas, além de uma aula introdutória, na qual foi discutida a “Carta de Paulo Freire aos Professores”. Cada grupo de estudantes ficou responsável por organizar o Puxa-conversa de uma das aulas.

A escuta sensível foi fundamental na pesquisa-ação pois, para “sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para ‘compreender do interior’ as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias e valores, de símbolos e de mitos (ou a ‘existencialidade interna’, na minha linguagem)” (BARBIER, 2007, p. 94). Durante as aulas foi mantido esse caráter dialógico, uma vez que “a escuta sensível reconhece a aceitação incondicional do outro. Ela não julga, não mede, não compara” (BARBIER, 2007, p. 94).

Como uma atividade holística, a escuta sensível envolve o observar não só o que é dito, mas os silêncios, as presenças e ausências, as mudanças de atitudes, discursos... Parte desse processo foi registrado pelos estudantes nas cartas a Paulo Freire.

Destaca-se que as professoras também fizeram uso da fala manifestando suas opiniões, experiências e histórias de vida. Essa participação se deu pela crença de que:

[...] enquanto presença não posso ser uma *omissão* mas um sujeito de *opções*. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho. (FREIRE, 2020, p. 96, grifos do autor)

Essa opção de participação foi evidenciada no início das atividades e, posteriormente, corroborada pelas discussões dos conceitos presentes na obra estudada. Destaca-se ainda que o respeito ao tempo de fala e valorização das ideias apresentadas foi fundamental e reafirmado como princípio freireano, pois “quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta diga, fale, responda” (FREIRE, 2020, p. 114).

Ao término das aulas as professoras permaneciam na sala virtual para atender aos estudantes em suas dúvidas, continuar a discussão de algum ponto do texto que chamou a atenção ou mesmo para dialogar acerca dos conceitos.

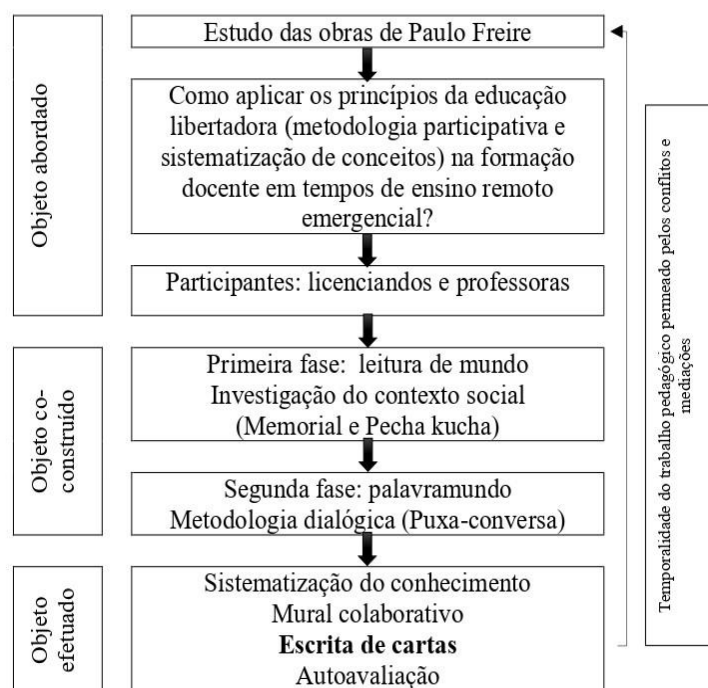
Neste artigo é apresentada a análise de conteúdo das cartas - objeto efetuado da pesquisa-ação - que tiveram seus roteiros adaptados do curso - Cartas para Paulo Freire: da leitura do mundo à leitura da palavra - promovido pela Universidade de Brasília.

Na primeira carta, os estudantes foram motivados a relatar como se sentiam, na condição de estudantes e futuros professores, em relação à pandemia da Covid-19, como percebiam o outro, seu cotidiano e as situações-limite vividas.

Na segunda carta os estudantes dialogam com Paulo Freire sobre seu centenário e sobre um contexto possível de pós-pandemia. Nas duas cartas os conceitos do livro estudado foram entrelaçados as mensagens, destacando sua representação na formação docente.

O Quadro 1, a seguir, sintetiza os procedimentos da pesquisa-ação realizada:

Quadro 1 – Procedimento da pesquisa-ação



Fonte: Adaptado pelas autoras (BARBIER, 2007, p. 122, grifo nosso).

Barbier (2007, p. 121-125) afirma que cada fase da pesquisa-ação - objeto abordado, co-construído e efetuado - “modifica o conjunto do sistema interativo da pesquisa-ação e [...] pedem a participação e a reflexão de todos”. Portanto, é uma pesquisa que traz a necessidade de ações responsáveis e solidárias entre os seus participantes.

3. Resultados e discussão

Os dados coletados por meio da escrita de cartas foram submetidos ao software francês de análise de dados textuais Alceste4 (Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmentos de Texto), versão 4.8/ 2012.

Observou-se as características da metodologia de análise de conteúdo (BARDIN, 2011, p. 42) definida como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 42)

Nesse sentido, o Alceste procede a análise lexical identificando oposições entre palavras do texto e extraíndo as classes de enunciados representativos. Foi utilizado um único arquivo de análise, organizado a partir de 30 Unidades de Contexto Iniciais (UCIs) que, neste trabalho, são as cartas. (IMAGE, 2010).

Destaca-se que o produto da análise gerou classes organizadas a partir de palavras e frases mais significativas; segmentos repetidos; correspondências das palavras mais características. Essas classes tiveram como referência o fundamento lexicométrico e “representam diferentes formas de discurso a respeito do tópico de interesse” (NASCIMENTO; MENANDRO, 2006, p. 74).

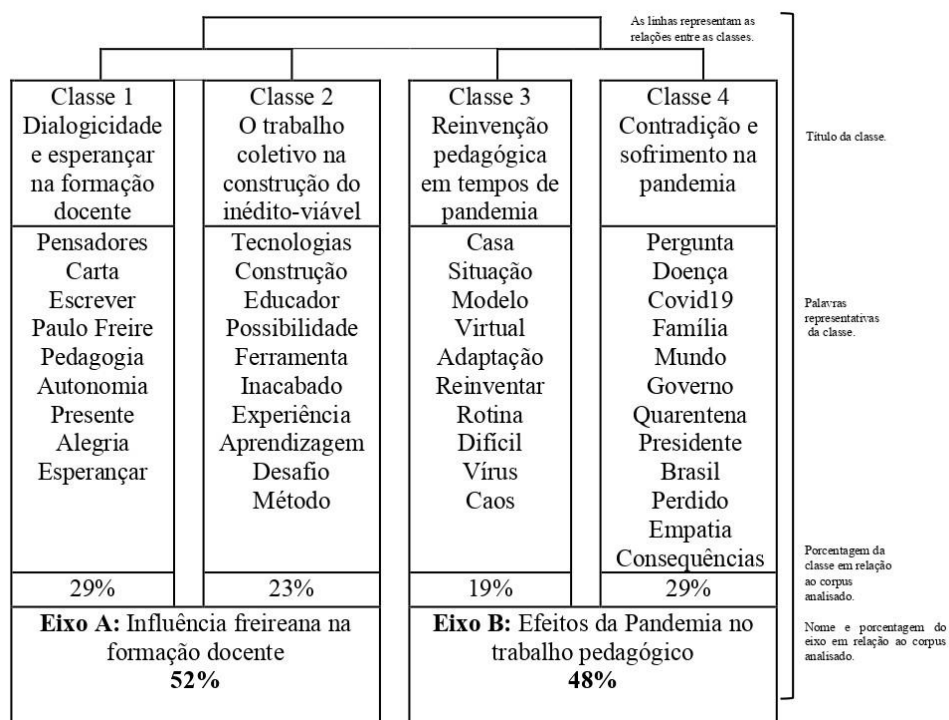
⁴ Todos os direitos autorais do software são reservados à Société IMAGE (1986-2000). Autor: Max Reinert.

Ressaltamos que os eixos e classes foram nominados após exaustiva leitura do relatório gerado pelo Alceste e representa o olhar das investigadoras sobre a organização dos dados, além da busca ativa dos significados dessa organização. Nesse sentido, a análise dos dados representou um momento em que as investigadoras puderam:

[...] estabelecer as conexões, mediações e contradições dos fatos que constituem a problemática pesquisada. [...]. É no trabalho de análise que se busca superar a percepção imediata, as impressões primeiras, a análise mecânica e empiricista, passando-se assim do plano pseudoconcreto ao concreto que expressa o conhecimento apreendido da realidade. É na análise que se estabelecem as relações entre parte e totalidade. (FRIGOTTO, 2010, p. 98)

A análise realizada no texto das cartas considerou a organização gráfica dos dados, conforme explicita a Figura 2.

Figura 2 – Síntese dos resultados gerados pela análise do *software* Alceste



Fonte: Relatório do Alceste, Resultados gerais. Outubro (2021).

Após a síntese, foi realizada a reconstituição de relatos representativos em cada classe, de forma relacionada ao eixo ou categoria. Reconstituir o relato de um

participante da pesquisa significa inserir a Unidade de Contexto Elementar (UCE) no seu depoimento inicial de forma a trazer sentido a ele. Os relatos reconstituídos estão registrados em itálico e as cartas numeradas visando resguardar o anonimato de seus autores.

Para apresentação e análise, os dados foram organizados em dois tópicos, conforme os eixos temáticos do *corpus* relativos às cartas. Na análise do Eixo A, denominado “Influência freireana na formação docente” estão os dados das classes 1 (dialogicidade e esperar na formação docente) e 2 (o trabalho coletivo na construção do inédito-viável). E, na análise do Eixo B, denominado “Efeitos da pandemia no trabalho pedagógico” estão os dados das classes 3 (reinvenção pedagógica em tempos de pandemia) e 4 (contradição e sofrimento na pandemia).

3.1. Análise do Eixo A - Influência freireana na formação docente

O Eixo A é formado pelos extratos das cartas que fazem menção ao pensamento de Paulo Freire e sua influência na formação docente. Esses extratos estão organizados em duas classes.

A Classe 1, representativa de 29% do *corpus* da pesquisa, traz o esperar e o diálogo direto com Paulo Freire na formação docente. Como palavras significativas dessa classe apresentam-se pedagogia, autonomia, presente, alegria e esperar.

Na perspectiva freireana a esperança é uma categoria central e tem forte vitalidade, pois se apresenta na perspectiva do movimento, da luta, da mudança e da transformação social. Como adverte Freire (2013, p. 90) essa não é “esperança de um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero”.

Carta 2. Esse mesmo período me fez ter esperança, mas não o sentido vazio que muitas vezes. A esperança que você pontua em seu livro Pedagogia da autonomia.

Outro aspecto presente nessa classe é o diálogo direto com Paulo Freire como um professor, um amigo, um conselheiro. O excerto da Carta 4 trata do privilégio de ter lido uma carta de Paulo Freire destinada aos professores.

Carta 4. Nem todos, profissionais têm o privilégio de receber uma carta dedicada a sua categoria, sobretudo um texto escrito por tamanha autoridade. Então gostaria de começar te agradecendo professor Freire.

A Carta 22 traz um agradecimento pelas ideias presentes em Pedagogia da autonomia e pela influência no pensamento pedagógico.

Carta 22. [...] por ressignificar o que estava engessado e imutável. Que bom que tivemos você para nos auxiliar nessa jornada. Todo professor é um eterno aluno do seu trabalho, sua voz ecoa fortemente.

Assim, ressaltamos a importância da perspectiva dialógica nas aulas, pois ela a oportunizou a manifestação das percepções discentes nas cartas. Nesse sentido, Freire (2013, p. 90) afirma: “não existe, tampouco, diálogo sem esperança. A esperança está na própria essência da imperfeição dos homens, levando-os a uma eterna busca. Uma tal busca, como já vimos, não se faz no isolamento, mas na comunicação entre os homens”.

A Classe 2 é representativa de 23% do *corpus* da pesquisa evoca a importância do trabalho coletivo entre professoras e estudantes para a construção do inédito-viável na prática docente, em especial nos tempos de ensino remoto emergencial.

Em face da riqueza do legado freireano a concepção do inédito-viável se faz presente em vários momentos de seus escritos. Ana Maria Freire (1992, p. 277) nos provoca a refletir sobre o inédito-viável como uma categoria pouco estudada e que carrega a superação do sonho utópico, a partir da tomada de consciência de suas situações-limites e passam a encontrar na realidade caminhos para a superação.

As palavras construção, educador, possibilidade, inacabamento estão relacionados ao Eixo 2 e podem ser identificadas no entendimento da educação como um processo permanente de mudança que envolve alunos e professores na busca de construção e superação das “situações-limites” vivenciadas no período pandêmico.

Outro aspecto relacionado a esse eixo diz respeito ao amparo da instituição em relação às dificuldades encontradas pelos estudantes em permanecer matriculados na graduação.

Carta 17. Tive o apoio da instituição que estou matriculado e prossegui. Assim, vivenciei uma experiência que fortaleceu minha visão acerca do papel dos educadores na construção do conhecimento.

Apesar do amparo da instituição, o eixo aponta palavras relacionadas a tecnologias, ferramentas, desafios e métodos. Essas palavras apresentam uma vitalidade para entender esse processo de ensino remoto emergencial, pois os desafios encontrados se fazem presentes em âmbitos pessoais, econômicos e institucionais. É a partir dessa compreensão que os estudantes passaram a perceber a função social da educação na construção do conhecimento, como ressaltado no excerto da Carta 16:

Carta 16. [...] acompanhei meus professores no decurso do aprendizado deles sobre as novas tecnologias da informação. Participamos ativamente da construção de um novo ambiente educacional. É o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo.

A partir dessas reflexões e do entendimento da “situação-limite” que o cenário mundial nos apresentou é possível perceber ressignificações coletivas. Entendemos que é necessário pensar práticas que permitam a reflexão crítica na busca de superação das limitações impostas de forma abrupta ao contexto educacional. O excerto da Carta 24 corrobora essa perspectiva.

Carta 24. [...] ações solidárias influenciam esse resultado. O professor e aluno vão se adaptando para não serem apenas objetos, mas superar os obstáculos em busca da conscientização e da sua própria valorização como educador.

O inédito-viável, nessa perspectiva, se consolidou sonhado e construído no coletivo, na busca de ações concretas e humanas, o que para Freire se apresenta como o SER MAIS.

3.2. Análise do Eixo B - Efeitos da Pandemia na formação docente

O Eixo B é formado pelos extratos das cartas que fazem menção ao trabalho pedagógico, isto é, tratam de como os estudantes se sentem tendo que assistir às aulas síncronas e realizar atividades assíncronas.

Tratam das dores psicológicas e da obrigatoriedade de reinvenção da escola para atender aos estudantes. Fazem menção a esperança de retorno ao ensino presencial e da solidariedade em relação aos professores. Esses extratos estão organizados em duas classes distintas.

A Classe 3, denominada reinvenção pedagógica em tempos de pandemia, é representativa de 19% do *corpus* da pesquisa destaca a necessidade de reinvenção, esperança e solidariedade em tempos de pandemia. As palavras significativas dessa classe são casa, virtual, adaptação, reinventar, rotina, vírus e caos.

No excerto da Carta 20 destacamos a dimensão freireana da reinvenção do mundo. Nem sempre essa reinvenção nos possibilita criar um mundo melhor, mas sim criar um mundo possível, resistir ao determinismo, a linearidade da história.

Carta 20. Pode-se perceber como as pessoas mudaram e se reinventaram em seu modo de viver. [...] Surgiu também as aulas remotas para que todos continuassem os estudos em segurança.

Essa é uma reinvenção complexa, mas que deve ser permeada pela dialogicidade, pois como aponta Freire (2001, p. 10) ao tratar do antideterminismo, “a História como possibilidade não prescinde da controvérsia, dos conflitos que, em si mesmos, já engendrariam a necessidade da educação”. Sobre a construção da reinvenção na educação, o excerto da Carta 28 apresenta:

Carta 28. Como aluno foi difícil me adaptar à maneira como as aulas estão sendo administradas de maneira virtual. Os professores tiveram que se reinventar e adaptar os conteúdos do presencial.

Apesar da difícil adaptação às possibilidades de permanecer estudando num contexto de isolamento social, a carta apresenta a importância da reinvenção, mesmo que conflituosa, necessária para a manutenção das aulas.

Deve-se valorizar também a dimensão solidária entre estudantes e professores. Freire (2015, p. 14) afirma que “o mundo do educador é o mundo dos oprimidos, da construção na esperança da justiça e da solidariedade”. Portanto, não se trata de oferecer ao estudante uma proposta pronta e acabada, mas de construir com ele o trabalho pedagógico. Propiciar a ele que se perceba nesse processo e vivencie os desafios da práxis.

Como aponta Adams (2010, p. 624) “[...] uma educação libertadora pode contribuir para ampliar a vivência da solidariedade, ao mesmo tempo em que esta se torna o ambiente favorável para um processo educativo democrático e solidário”. Assim, da Carta 20 extraímos:

Carta 20. [...] como futuro professor pude perceber como os professores são desafiados e obrigados a se reinventarem.

Também é preciso tratar da dimensão do sonho de um novo momento, de retorno a presencialidade nas aulas, como trata o excerto da Carta 27.

Carta 27. Com a Covid-19 agindo em uma escala mínima e mantendo algumas precauções sanitárias espero que as aulas presenciais voltem.

Na dimensão de um sonho possível, o retorno às aulas presenciais se cumpre à medida que ações políticas de medidas sanitárias são implementadas. Destaca-se aqui a vacinação da população, o distanciamento social, o uso de máscaras e a higiene pessoal.

Assim, “não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança” (FREIRE, 1992, p. 91). É preciso sonhar e agir coletivamente para que essa realidade se efetive.

A Classe 4, representativa de 29% do *corpus* da pesquisa, reflete sobre as contradições e o sofrimento oriundos do contexto da pandemia e traz as dimensões da aprendizagem transformadora, da incompletude, do ser mais. As palavras significativas dessa classe são: pergunta, Covid-19, família, mundo, governo, quarentena, perdido e empatia. Nos trechos das cartas 14 e 30 identificamos algumas dessas palavras e o contexto dessa classe.

Carta 14. Caro professor Paulo Freire. Diante desta situação em que estamos vivendo mundialmente, uma pandemia que mudou o rumo de nossas vidas e que tantas vidas foram perdidas, me sinto angustiada, sufocada e disfuncional diante a minha família e nos estudos. Fico paralisada diante as dificuldades, gerando em mim muita frustração.

Carta 30. Como está sendo difícil esses últimos dias. Confesso que parece que estou sufocada, sem respirar. Não sei se o senhor sabe, mas parece que voltamos no tempo. Gostaria de saber o que o senhor faria se estivesse aqui.

Illeris (2013) trata de quatro tipos de aprendizagem - cumulativa, assimilativa, acomodativa e transformadora - e afirma que o que as distingue são os diferentes contextos, resultados e investimento de energia. Situamos as aprendizagens descritas nos excertos das cartas como transformadoras.

Apesar do estudante ainda não reconhecer suas aprendizagens advindas do contexto da pandemia, podemos perceber o que Illeris (2013, p. 23) chama de “mudança de organização do *self*”. Assim, o sofrimento e as contradições destacadas nas cartas a Paulo Freire retratam aprendizagens profundas que geram desgastes mentais e dores.

Illeris (2013, p. 23) afirma que uma aprendizagem transformadora “ocorre como resultado de uma situação de crise causada por desafios considerados urgentes e inevitáveis, tornando necessário que o indivíduo mude para avançar”.

Carta 26. Como educadores e educanda devemos nos renovar e realizar uma leitura de mundo diferente todos os dias. Na pandemia que deixou a sala de aula diferente, que afetou milhões de histórias, que nos entristece a cada minuto.

Nesse trecho da Carta 26 a estudante apresenta a Paulo Freire a incompletude do ser humano. Ao afirmar que “devemos nos renovar” e ler o “mundo diferente todos os dias” temos a dimensão ontológica da incompletude, do inacabamento.

Freire (2013, p. 43) traz a necessidade de nos reconhecermos “como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade, que sendo histórica também, é igualmente inacabada” (FREIRE, 2013, p. 43).

O mundo não se encerra na realidade tal como ela está. Ele é dinâmico. A mudança é constante. Portanto, não somos determinados pela pandemia e nos movemos

no mundo como seres históricos. É fundamental “reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável” (FREIRE, 2020, p. 11).

No excerto da Carta 22 o estudante apresenta sua angústia ante ao sentido do novo e o desejo de “ser mais”.

Carta 22. Será que vamos sair dessa idade das trevas? Vamos não só superar, mas também aprender algo? E o que faremos com esse aprendizado? São perguntas sem respostas prontas[...].

Para Freire (2013) o ser mais é uma vocação ontológica e histórica dos seres humanos e basta que estejamos “sendo proibidos de *ser mais* para que a situação objetiva em que tal proibição se verifica seja, em si mesma, uma violência” (FREIRE, 2013, p. 27, grifo nosso).

A angústia expressa na carta deixa claro a violência do momento histórico vivido que ultrapassa o isolamento social, pois envolve perdas de todas as ordens, como pode-se ler no excerto da Carta 18:

Carta 18. A realidade de muita gente atualmente mudou. O emprego que estava certo e do nada se acabou, a família que era completa e do nada alguém faltou, a fome que já existia e do nada piorou, a saúde que era um caos e do nada superlotou.

Assim, o ser mais é um desafio que pressupõe a busca da consciência crítica e da libertação daqueles que são oprimidos. É uma busca de humanização. É no diálogo igualitário e crítico que problematizamos o cotidiano e construímos coletivamente o ser mais.

Carta 18. Paulo Freire, o limite e toda dor que a pandemia causou, toda falta de estrutura que o governo nos apresentou, as barreiras tentam limitar, mas a escolha precisa ser não paralisar! Estudar, trabalhar, exercitar, conhecer e reconhecer o novo para que assim todo aquele esforço pouco crie uma nova realidade boa para se viver!

Essa é uma vocação ontológica, a luta pela sua humanização.

Considerações finais

A leitura de *Pedagogia da Autonomia* possibilitou aos estudantes, como sujeitos de sua aprendizagem, a ressignificação/tomada de consciência quanto às ideias apresentadas por Freire e sua relação com os saberes docentes, rumo à conscientização quanto ao papel como professor que prima por desenvolver seu trabalho na perspectiva da emancipação. Destaca-se que a esse grupo de estudantes não foi oportunizado vivenciar presencialmente a instituição na qual estudam, tendo o desafio da adaptação ao ensino remoto emergencial.

Para nós, como professoras, leitura das cartas possibilitou o acompanhamento da trajetória de sensibilização, apropriação de conceitos e produção de relações desses conceitos com a situação histórica vivida (contexto da pandemia do Covid-19) e a construção de alternativas de superação das dificuldades emanadas desse mesmo contexto, o inédito-viável.

A reinvenção pedagógica proporcionou o desenvolvimento de aulas que favoreceram o envolvimento afetivo, no sentido do querer bem recíproco entre professoras e estudantes que transcenderam as aprendizagens generosas e criaram espaços para que os encontros fossem humanizados, mesmo no formato remoto.

Destaca-se que a disciplina manteve como ponto central das discussões os conceitos trazidos por Freire e o que isso representa na formação de um professor, o que não invalidou a materialização das emoções guardadas pelo isolamento social nos relatos orais e escritos dos estudantes e das professoras, vivenciando o “ser mais”.

Consideramos que a construção coletiva de uma metodologia participativa, fundamentada na leitura do mundo e da palavra e realizada a partir da obra freireana possibilitou a aplicação dos princípios da educação libertadora na formação docente em tempos de ensino remoto emergencial.

Referências

- ADAMS, Telmo. Solidariedade. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed., ver. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- AUBERT, Adriana; FLECHA, Ainhoa; GARCIA, Carme; FLECHA, Ramón; RACIONERO, Sandra. *Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información*. 2020. Barcelona: Ed. Hipatia, 2008.
- BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições, 2011.
- BOSI, Alfredo. A escrita e os excluídos. In: *Literatura e Resistência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- CÂNDIDO, Antônio. *Vários escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Política e educação: ensaios*. São Paulo, Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. *Revista Estudos Avançados*, vol. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9805>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização*. São Paulo: Cortez, 2016.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente*. 63^a ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. *Essa escola chamada Vida*. Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 9. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- GIROUX, H. *Cruzando as fronteiras do discurso educacional*. Porto Alegre: ArtMed, 1999.
- ILLERIS, Knud (org). *Teorias contemporâneas da aprendizagem*. Porto Alegre: Penso, 2013.

IMAGE. *Alceste 2010 Versão Windows*: Software de Análise de Dados Textuais. Toulouse, 2010. 46p. Disponível em: <http://www.alcestesoftware.com.br/manuais/alceste-manual.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2013.

NASCIMENTO, A. R. A.; MENANDRO, P. R. M. Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada. *Estudos e pesquisas em psicologia*. UERJ, RJ, Ano 6, N. 2, 2º/2006. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v6n2/artigos/pdf/v6n2a07.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2013.

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, I. (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Jefferson Ildelfonso da. A profissão do ensinante, uma tarefa prazerosa e igualmente exigente. In: FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não*: cartas a quem ousa ensinar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

ZITKOSKI, Jaime José. Dialogicidade. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed., ver. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Recebido em: 30 nov. 2021.
Aprovado em: 30. mai. 2022.

* **Simone Braz Ferreira Gontijo** é professora do Instituto Federal de Brasília com Doutorado e Mestrado em Educação (UnB) e licenciatura em Pedagogia (UCB). É docente nos cursos de mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica e Letras/Espanhol. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Org. do Trabalho Pedagógico e Formação Docente (GEFOR).

E-mail: simone.gontijo@ifb.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8245-3841>

** **Juliana Parente Matias** é professora do Instituto Federal de Brasília com Mestrado em Educação pelo Instituto Politécnico de Santarém, Portugal e licenciada em Pedagogia (UFC). É docente do Curso de Letras Espanhol. Participa como pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Organização do Trabalho Pedagógico e Formação Docente (GEFOR).

E-mail: juliana.matias@ifb.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5058-4567>
